

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

---

QUARTO ANNO

JULHO DE 1875

I

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875





**CONDE de PORTO ALEGRE.**

Lith. de J. Alves Leira



*Bras de Parriatt*

## BIOGRAPHIA

### O CONDE DE PORTO ALEGRE

#### I

A guerra sob o solo do Paraguay feita pelos povos ribeirinhos dos afluentes do Prata, contra o despota louco que perecendo arrojou á desoladora devastação e exterminio uma nação generosa e valente, digna de melhor sorte, é no presente justificada pelas justas represalias que esses mesmos povos tomarão dos commettimentos insolitos feitos á sua integridade e honra nacional; o futuro, porem, reunindo todos os episodios e peripecias que n'ella se derão a julgará com o juizo severo que só dá a sua imparcialidade.

O Brazil, entre os alliados que ahi combaterão, destaca-se pela sua valentia, pertinacia, sacrificios desperdidos, e pelo numeroso contingente que no momento lhe forneceu e que sobe a cento e cincoenta mil soldados e a esquadra encouraçada mais forte e numerosa que até ahi havia sulcado as aguas d'aquellas paragens.

Generaes distinctos, de bravura inexcedivel, ali fizerão brilhar as laminas de suas espadas, e recuar, ante a afouteza do braço dos valentes, o peso de hostes aguerridas, já amestradas nos repetidos combates e animadas de fanatismo politico que produz milagres de valor. Mais de um recontro geral alastrou de cadaveres as campinas d'esse paiz, e o atroar dos canhões entouu as nenas de uma

— 4 —  
nação que podera ser feliz si não tivesse por chefe um filho de natu-  
rado.

Grande foi o valor dos homens de guerra, e poder-se-hia dizer que um combate de titans ali se travava. O arrojo, em ambos os campos, era cousa commum, e os actos de abnegação e ouzadia se contavão por centos.

O combate naval de Riachuelo, em que foi aniquilada a esquadra Paraguaya e limpou as aguas do Prata do inimigo terrivel, foi um feito de grande alcance, e que poucas vezes se repetirá nos annos da marinha de guerra. A abordagem dos encouraçados pela infantaria, em canoas, é uma cousa insolita e que parece ser mais um acto de desespero do que de estrategia. A passagem do Humaytá, tanto tempo julgada impraticavel, patenteou o animo varonil dos marinheiros do Brazil:

Desde a passagem do *Passo da Patria* até *Lomas Valentinas*, ambos os exercitos em frente um do outro — os assaltos, as defezas, os combates, as sortidas e as marchas podião ser objecto de um estudo muito importante aos militares profissionais. A guerra faz-se segundo os preceitos seguidos na Prussia e nos Estados-Unidos, nas ultimas guerras que illustrarão esses paizes.

Notou-se nos combates mais renhidos, nos commettimentos atrevidos, a cavallaria brazileira, imponente e aterradora como o *simun* do deserto arabico; veloz, rapida como a puvem que cahe no momento da tempestade, precipitava-se sobre as trincheiras, as pontes e os quadrados e abatizes, e mais de uma vez levou por diante o estandar da victoria.

E' terrivel de contemplar-se o quadro d'essas lutas, mas destaca-se n'elle figuras tão imponentes e attractivas que dentre as dobras afflictivas do coração humano mais de uma doce impressão nos vem arrebatat a mente e dar-nos momentos de agradavel contemplação.

Incumbimos-nos de esboçar uma que vai dar-nos o conhecimento de mais de um facto heroico, de civismo e de valor dos actores d'esse grande drama internacional.

E' do conde de Porto Alegre que nos vamos occupar.

## II

Manoel Marques de Souza, hoje conde de Porto Alegre, nasceu aos 13 de Junho de 1805, na villa do Rio Grande. Filho do brigadeiro Manoel Marques de Souza e neto do tenente-general Manoel Marques de Souza, commandante da fronteira do Rio Grande, póde dizer-se que embalou-se ao som do fremito das armas; á cadencia dos hymnos de

guerra, e entre a vida rude dos soldados sentou praça a 20 de Janeiro de 1815 de cadete da artilheria de posição em Montevidéo.

Bem cedo seu pai, o bravo coronel da antiga legião do Rio Grande, depois 4º regimento de cavallaria ligeira, entregou-o ao mais abalizado e politico general d'aquelle tempo, o tenente-general Carlos Frederico Lecor, barão da Laguna, que o elevou ao posto de alferes e seu ajudante de ordens, no dia 24 de Junho de 1818, e quando aquelle general occupava o posto importante de capitão-general de mar e terra por cessão da Banda Oriental do Uruguay entregue ao dominio portuguez.

O alferes Marques que assistira com o coração entusiasta de jovem aos proclamos da nossa independencia, vio commovido a adheção do provecto soldado portuguez á causa do novo Estado que arvorara o pavilhão auri-verde, e seguindo as lições do mestre de seu pai saudou a nova aurora que se desdobrava ante sua alma ardente e apaixonada pela liberdade.

A atmosphera dos acampamentos, prenhe de enthusiasmo marcial ressoou com o novo canto nacional, o hymno da independencia, que ainda lembra ao coração dos homens d'aquelle tempo as idéas santas de amor á patria e de ardorosa veneração ao principe que acompanhava espontaneamente as conquistas da liberdade. O jovem Marques era querido dos soldados e do seu general, partilhava o fervor dos mais decididos patriotas; e por isso foi o escolhido para felicitar o novo monarcha por parte do exercito do sul, commissão que desempenhou com galhardia e agrado do principe.

Permanecendo na praça de Montevidéo vio reunir-se o congresso que pediu a incorporação da Banda Oriental, com a denominação de provincia Cisplatina, no novo Imperio, a que foi deputado e d'elle eleito presidente seu pai o brigadeiro Manoel Marques de Souza.

A independencia da provincia Cisplatina, a fundação do Estado Oriental do Uruguay, veio encontrar fallecido seu bravo e prestigioso pai, que a tradição diz ter sido envenenado pelos novos republicanos que n'elle encontrava um obstaculo insuperavel á realisação de seus projectos, e achou-o no quartel-general do prudente visconde da Laguna, que com cessar tratou, com perfeita lealdade, de sustentar a integridade do Estado que havia adoptado como patria sua.

As lições severas da disciplina e do valor leal, do cavalheirismo militar, teve-as elle d'esse digno administrador, que sem contestação era um dos mais valentes soldados d'aquelle época, um dos mais bravos chefes, que alliava com o rigor do dever e as prescripções da lealdade a brandura de um coração honesto e dado á benevolencia de uma sociedade culta e amena.

O visconde da Laguna tinha uma secretaria que era uma eschola de urbanidade militar e de etiqueta rigorosa — presavão-se ahi os



brio; e o valor na guerra, quanto os generosos sentimentos dos vencedores, e todas as virtudes militares. Foi n'essa eschola que o joven alferes, herdeiro de um nome avantajado na arte da guerra, nas lutas do sul, bebeu á larga as doutrinas honrosas do provector soldado portuguez, que á testa dos exercitos que commandou e da administração civil que teve a seu cargo jamais desmereceu da altura em que se achou sempre collocado.

O joven Marques que tanta disposição tivera para o serviço da marinha, que uma vez, indo á esquadra levar uma ordem do general, teve tentação de seguir a vida aventureira e enriquecida de horridos perigos do marinheiro, foi alistado no 4º regimento de cavallaria, onde seguia os postos.

Quer na guerra da independencia do Brazil, quer na do Estado Oriental do Uruguay (provincia Cisplatina) vimol-o sempre no quartel-general de seus chefes, cheio de brio, de disciplina e de valor, atravessar as refregas e postar-se nos lugares de maior perigo. Era ajudante de ordens do general Barreto na batalha do Rosario, e ahi por merecimento teve o posto de capitão. Este general apreciava sobremodo as disposições do seu subordinado e era por seu intermedio que se correspondia particularmente com o ministro da guerra que em seu joven sobrinho reconhecia a lealdade de um perfeito cavalheiro. Muitas forão as confidencias que forão feitas ao joven capitão por occasião da organização da *sociedade militar*, durante os acontecimentos que precederão e se seguirão á abdicação do primeiro imperador, mas a sua abstenção constante nos circulos restauradores derão a medida do seu tino politico, mais tarde confirmado quando, amigo particular como era de Bento Gonçalves, soube combater com toda a lealdade e no seio da conversação íntima as tendencias e ambições do *revolucionario*.

Era já major graduado do 4º regimento de cavallaria quando a revolução de 29 de Setembro de 1835, arrebentou na provincia e dizia-se que era devida á sua promoção, a defeecção do capitão Crescencio, militar de uma bravura incontestavel — que foi um dos valentes chefes que acompanharão a Bento Gonçalves da Silva.

Netto e outros chefes rebeldes entrando em Pelotas encontrarão o coronel Albano e o major Marques tratando com pouca força da defeza da cidade, mas surprehendendo-os os fizerão prisioneiros e os remetterão para a capital, sendo na viagem morto vilmente o coronel Albano, e o major Marques recolhido á prisiganga, donde o forão tirar os poucos legalistas que fizerão a *reacção* de Porto Alegre no dia 15 de Junho de 1836.

Continúa.

DR. CALDRE E FIAO.



# UM FARRAPO NÃO SE RENDE

## COUSA ESTURDIA

---

### III

#### SERÃO DE INVERNO

A noite frigida desdobrava sobre a Serra o manto alvissimo, luzente de geadas; cujo mortecôr sombrio a reflectir-se no céo tristissimo se dilatava em um infinito de indefinivel tristeza. Uma ou outra estrella a custo rompendo os vapores que entumecião a atmosphera, esfuziava por entre as nevoas pallido olhar de amortecido brilho....

Embaciadas noites hybernaes de meu Sul amigo, que branqueaes os ermos do incommensuravel pampa, deixai passar sombrio o heróe para quem o inverno do pensamento empallideceu os sonhos e emmurcheceu na garuenta penumbra o verde-gaio da esperanza.

Que passe o veterano através teus nevoeiroo como a imagem da liberdade se destaca dos sombrios recantos d'esse Paço, ousada por entre os brindes que ao despotismo e a venalidade ergue.

Augusta é a tua solidão como a magoa immensa que áquelle coração tritura; confrangente a tua pallidez extrema como a dorida ideia que n'aquelle cerebro rediviva habita.

E o cavallo negro que vai com as ligeiras patas quebrando a geadas vidrada sobre a gramma, transformado o verde da campina em ama-

relleanta palha, lá varando cruz a ligeiro como um veado a cerração da noite.

Só alegre se espanceja n'esta tristonha quadra no contrangente ambito, o mocho das sertões que gemendo no cerrado negror do arvoredado em lamentosos brados exalça o vôo descahindo após em caprichosas endeações.

Só a ave dos máos agouros se compraz no pesadumbre da aterrada solidão; só ella encontra graças onde o colibri se apavora, e a fiôr não de abrocha; onde o arvoredado desnuda e repellindo de si os gorgeios que as aves solião na c-ção dos amores, para inebriar-se nos uivos lamentosos da ventania: só a lugubre sacerdotisa da desolação tem hymnos da mais requintada alegria a revoarem em lugubre cavatina sobre a des-cosida mortalha da bonança; porque ella que ri-se com estridor sinistro das lagrimas da viuvez por entre as campas, do choro infantil que o orphão solta: ente infeliz! tem a oppôr um sarcasmo á dôr, uma ironia pungente em seu rir convulso ao pranto.

E por isso busca os cemiterios: e por isso a desolada solidão.... E quando a noite subindo com as sombras galga dos fundados valles os cabeços dos serros e pelos céos se estende, ella surgindo da escura cova remonta ao ar sobre a espadua da noite como se erguesse sobre uma ara da morte.

E ri-se d'um rir convulsivo nas trevas sobre a espadua da noite, como sobre a ara da morte, no prestito funebre da luz, ella a sinistra ave dos agouros, a conviva das funebres pompas, medonha sacerdotisa da desolação!...

Sobre o mausoleo da quadra ridente pouza como o anjo da morte junto ao sepulchro do recém vindo e lá psalmea em soturnas vozes.

E o mocho ruidando por entre as franças da obscurecida penumbra, dentre as arvores exalça o vôo soltando lamentosos gritos.

E a dôr e o desespero e a raiva no seio do bravo se suffocavão, e se em contorsões gemião não encontravão echo, expirando nas naves do veterano peito.

Assim se emballa a tempestade no encapellado mar.

Quando no alto d'um chapadão em que desembocava a estrada, surgiu o negro corsel, avistou o coronel lá na extrema do horizonte uma luzinha scintillante através da cerração.

Era lá o arranchamento de Luiz Carlos, o filho do velho soldado da Republica.

Lá na encosta d'um serro debruçava-se a casinha de taipa, coberta de tiririca. A' esquerda do rancho demoravão as mangueiras e curraes: por trás d'estas os chiqueiros para as ovelhas e para os terneiros tambeiros; e como um listão negro ao fundo marulhava a mataria ao tom dos ventos.

Pela porta do rancho entreaberta insinuava-se e vinha saudar no

terreiro a noite o energico clarão d'uma fogueira. Estalavão alimentando o brilhante fogaréo partidos em achas os tóros da guayabeira.

Sobre bancos de cortiça estavão assentados em redor alguns homens e mais retiradas cosião duas mulheres. Na roda masculina de mão em mão corria a cuiá do delicioso matte, a qual tão depressa enchia-se como já estava esvasiada.

No centro da roda dava séca, mantendo animada a conversa, o estancieiro.

Fallavão sobre a marcação do anno que não tinha sido das melhores em consequencia de ter apparecido algum carrapato no gado e devido a isso terem morrido bastantes terneiros.

— Vi-inho, para o anno melhor marcação tenhamos !....

— Assim queira Deos.

— E melhor engorde.

— Deixe estar que me-mo assim, não foi tão ruim como isso o de-fructe n'esta safra ; sempre fiz quatro tropas e não vendi mal.

— Oh ! que os preços bons estiverão !....

E se o ladrão do charqueador não faz comigo gigajoga.... Hô pu-cha gente caborteira !...

— Havemo ; de ensinal-os que p'ra cá vem.

— Gente é essa de não se fiar que em podendo enforcar o tropeiro, não anda com veremos.

E continuavão d'esse geito conversando, emquanto a cuiá de um em um corria a roda.

Do cupiá pegado surdiã o alarido dos piães que folgavão e rião, casando as galhofeiras risadas com o descante monotono e saudoso da viola que nunca ri, sempre gemendo, sempre entoando tristezas, por cujas cordas a propria alegria coa-se banhada de uma melancholia celestial.

No brazeiro acceso no meio do quarto cozinhavão batatas e crepitavão pinhas inteiras.

E soavão no cupiá de envolta com os sons plangentes da viola as vozes galhofeiras da peonada.

Na roda da sala continuava animada a parolagem ; de mão em mão, corria a cuiá em cujo concavô a agua espumava verde de caúna.

— Homem ! Me disserão, Sr. Luiz Carlos, que se fez as pazes lá pra bandas do Ponche-Verde.

— Lá pra que digamos, acudio João de Souza, já as cousas não ião bem. Tambem de tanto pelcar e nem a gente saber quando se ha de acabar, cansa ; nove annos de guerra seguida hotão os paridarios abombados. E para que, digão-me agora ? Ainda bem que eu não me metti.

— Não, Sr. Souza ; nem tanto. Olhe que eu estive em todas as refregas e se não de animasse de levar a minha avante não estava aqui.

ao pé do fogo. Quando a gente vê que os presidentes ou governadores que vêm lá da Estancia Grande p'ra capitaniarem a provincia, desembrestão, começam co'os seus desaforos, e a gente não se faz dura, então elles tomão conta, nos mettem freio, botão lombilho, montão no nosso lombo de hotas, e sporas, e tome rebenque que bem merece!...

— Que é como se trata cavallo coquimbo.

— Tem razão, compadre Mello, acudio José de Lima, visinho mais proximo de Luiz Carlos e dono da Estancia do Pinheiral do Serro.

Mello, reforçado pelo apoio das palavras de José de Lima, proseguio :

— Então pensa você, Sr. Souza, que um rio-grandense que sabe devidamente apreciar o que é a dignidade e o brío de sua terra, que não se póde affazer com o dominio do rei e de seus de-avergonhados capatazes, possa se metter em casa agarrado ás saias das mulheres, quando se pelêa pela liberdade? Ora, Sr. Souza....

— Bem fresca liberdade! Que liberdade arranjarão vocês, que ahi andarão com as pandilhas dos Bentos Gonçalves e dos Canabarro?

— Se não arranjam não foi por falta de vontade. O' se a tínhamos!... Mas é que infelizmente ainda ha espiritos servis a incensar todos os ferros com que nos prende o rei; e que ainda ha muito homem indigno de tal titulo para quem é indifferente ser livre ou escravo. O Sr. Souza por exemplo....

— Ah! Eu por exemplo; é que eu sou amante da ordem e não quero as anarchias de vocês; sou pelo imperador que é de direito dono d'esta terra, porque foi Deos quem deu ella aos avós d'elle e elle a herdou de direito: sou por elle porque elle por isso mesmo ha de fazer a felicidade do Brazil, que tendo um tão grande monarcha, não ha de andar na rabadilha de ladrões como Netos, Canabarro e sua sucia....

— Sr. Souza, Sr. Souza! veja o que diz!

— Deixe-me fallar que eu bem sei o que digo. Sou pelo imperador porque afinal de contas o imperador....

— O imperador, o imperador, diga, diga, homem, disse Mello já meio de pé, com os olhos a scintillarem de raiva.

Souza meio que titubeou.... mas tantos olhos fixos sobre elle, obstarão ao silencio que queria tomar: animou-se a proseguir, não sem lançar olhares de desconfiança a Mello.

Mello meio levantado repetia: o imperador! o imperador!... Vá... desembuche, com mil sceptros!... o imperador...

— Ora, Sr. Mello, o imperador sempre é imperador!...

— Ainda bem que o imperador é o imperador; logo vi que outra cousa não podia ser, nem mais nem menos. E' quem é. Mas uma cousa queria eu saber; a razão porque o Sr. João de Souza que é todo do im-

perador, porque o imperador é imperador, não se foi alistar nas tropas que defendião o throno, e cá se deixou ficar muito escondido em casa?...

— E' que eu... gaguejou Souza.

— Sim, sim, é que você estava de parte a ver quem triumphava para mostrar-lhe a sua dedicação. Dá o imperador as cartas e você já é pelo imperador; muito natural. O Sr. Souza é homem dos factos consummados: rege-se a republica e você era dos mais acerrimos partidarios d'ella.

— Eu!... Por Deos não diga tal! Para mim, republica sempre foi bandalheira...

— Bandalheira!...

Quando os presentes após o sobresalto deram de si aacordo, estava Mello agarrado á gola do ponche do Souza.

Seguiu-se uma scena de separação e apaziguamento na qual coube papel conspicuo a Luiz Carlos.

Mello, extincta a effervescencia do repente, voltou ao seu bom humor, de que raramente se afastava. Quando tal succedia era de momento: o sangue que bulhára aquietava-se e a calma se expandia no semblante cheio de franqueza e bonhomia do velhote. Ninguem vira por mais de dez minutos na sua fronte aberta a ruga da ira.

Enthusiasta das ideias que forão o berço em que despertou o seculo, embalado pela mais ardente aspiração de liberdade, o filho da campanha rio-grandense viu a abotoada flór da esperança que afagava, ao brado libertador de Bento Gonçalves desabrochar sob o rocio da liberdade na aurora da republica.

Cheio de fé no futuro e confiança no presente, ninguem esposou com mais ardor a causa farrroupilha. Duas vezes tombado no campo de batalha, uma em Seival, outra no combate do Rio Pardo, e duas vezes mal curado se ergueu, para empunhar uma clavina no Passo do Rosario, no Capané, no Passo dos Negros, em Taquary, em S. José do Norte e em outros lugares em que a sua valentia pôz em prova. Só quando vio em consequencia de uma longa cadeia de fatalidades se erguer na extrema o sol do imperialismo, cujo rubido fulgor empallideceu o astro alvissimo da republica, Mello com o desengano na alma e a dôr no coração, fraqueou de animo e partito....

Nos campos de Ponche Verde e em paroxismos mortaes agonisava a independencia do Rio Grande. Quantas lagrimas rolando sobre o cadaver não forão repositar-se no ciborio de nossa dôr?

Tantas quantas gottas de sangue livre aljofrarão as campinas da patria.

De-enlaçai-vos, véo, sobre que refulgem as mil seintillas da poesia, para que o frouxel das sombras adoradas envolva em uma athmosfera de gloria, rejuvenescido pe'os osculos do amor e do respeito, o vulto sublime que em sonhos divisamos....

E Mello cravando o olhar indagador via surgir na memoria uma imagem que a sua mocidade sonhára e a sua velhice agora chorava. Essa imagem reflectia e no desarrapado pendão, que de aço vestia o peito dos farrupilhas, quando uma couraça de coragem inabalavel os tornava invulneraveis á fraqueza.

E todas as noites em seu arranchamento, quando buscava no leito o repouso ás agitações diarias do seu lidar continuo, para ter tranquillo o somno, ia uma e muitas vezes beijar com piedade esse tricolor pendão em que se constellavão as recordações gloriosas de uma virilidade fugidia.

Era a bandeira de seu regimento que por mortes seguidas dos porta-estandartes, viera ter no vigoroso braço de Mello a sua ultima haste.

Em caracter e proceder contrastava Mello com o seu commandor.

Souza era um bom homem que nunca fizera bem nem mal a ninguem. Em pequeno fôra educado por um tio e padrinho Athanasio Epiphanio de Souza Magalhães de Fiffas-fôfas, que em sua companhia o conservara até completar dezoito annos o atilhado.

A alma infantil de Souza foi a tenrissima cêra de que o padrinho de trançon um typo de que tantos specimens encontramos no mundo, que d'elle podia se fazer riquissima colleccção.

João de Souza era o homem re peitador das cousas existente e o mais accerrimo devoto do statu-quo. A experiencia era a sua mestra e o exemplo o meio de conseguir a aspiração que lhe inculcava o padrinho quando com as suas doutrinas utilitarias lhe formara a alma; seu fim era chegar pelos trilhos que merecerão ser seguidos por Fiffas-fôfas, ao ponto culminante em que o padrinho se collocára, montado em algumas centenas de contos e de la impondô, cercado de regalias, a sua vontade e a admiração e o respeito ás turbas.

Souza manifestava a maior repugancia pelas innovações, porque não comprehendia a conveniência das reformas e mudanças, que tudo podião trazer, menos de tanta pacatiee e segurança como a que existia.

— Homem, assim, sempre a gente está com o que sempre esteve, e com o que estiverão os que antes de nós viverão, não se arrisca a novidades.

O dinheiro, porem, de toda e qualquer especie, conhecida e desconhecida, merecia-lhe a maior contemplação: a influencia que do dinheiro provinha, encontrava n'elle acatador extremo.

Tudo o mais que não ia afinal ahí surdir, merecia-lhe o epitheto de *pomada*.

Era em resumo um bom homem, de idéas curtas, a seu contento, pois que as avancadas o iravão, e incapaz de afasiar-se do tradicionalmente seguido pelos anteriores.



Quando a revolução rebentou, Souza tomou-se de um terror tal, que ficou estatelado, não tanto porque tivesse em apreço a sua pessoa, como receiando interrupção na pacata e rotineira marcha de seu negocio e porque talvez me mo viesse a soffrer prejuizos.

Nunca tinha reconhecido em si aptidão guerreira : comprehendeu então sua completa negação para as armas.

Possuido do mais firme panico na sua fazenda, a Estancia da Rocha Negra, acocorou-se a ehocar as onças, que nunca tingnem mais o vio no visindario.

Lá vivia semi-morto de susto o bom homem á mais vaga noticia de aproximação de forças, juguete do temor e do receio pela sorte de seus bens.

Preferindo sempre o triumpho do rei, não punha duvida em aceitar d'alma e de coração a républica, e se ella se firmasse, e dêsse a esse at-tribulado espirito a paz ausente.

Ao imperio dominante concedeu os votos do coração (e que mais desejar?) pela prosperidade e socego de... ambos : seu e d'elle ; fundado na plausivel razão do mais vasto alcance politico de que um imperio sempre é um imperio. E' o regimen em que um só manda e todos os mais obedecem, e Souza reconhecia d'esse systema resultar grande conveniencia e utilidade para quem só vive do negociosinho, pois não tinha nada que ver com a cousa publica, assim só affecta ao monarcha que põe e dispõe a seu talante.

Pois não é da gente sobre o seguro cofre dormir socegado ?

Ajoelhai-vos, subditos, aos pés do rei que manda.

Alentado com as noticias de paz que se espalhavão, Souza, pouco a pouco ainda pascacio, como lagarto com a approximação do verão foi mostrando fóra do rancho já a cara, já o pescoço e por fim toda a sua preciosa pessoa.

No campo nem n'aquelles arredores não havia o menor rumor, que d'isso levou Souza de pescoço espichado e pernas finas bastantes dias a certificar-se. Por fim largou o mofo de casa que nove annos de embiucamento e terror lhe havião grudado ao cachaço, e estieou as gambias tremulas até o rancho de Luiz Carlos.

Lá encontrou animada roda e parola em curso. O homem tomou brios, e foi levado a contender com Mello.

Quando forão os dois contendores acalmados e que a calma de novo se restabeleceu, ouviu-se os latidos da cachorrada como acuando al-guem que chega.

Quando Luiz Carlos se levantava para ir ver quem era, surdio em frente á porta um vulto, e ao vivissimo clarão da fogueira se destacou sobre o umbral da porta a figura severa e nobre do coronel B.

— Meu pai ! De volta ?...

— Para sempre, meu filho.

E o peito magnanimo do heróe unio-se ao peito amoroso do filho.

No proximo cupiá havião cessado as vozes da viola e os alegres descantes da pionada.

Por todas as partes se introduzião rostos commovidos e cheios de curiosidade.

Por momentos não se ouviu outro ruido que o da lenha crepitando na fogueira, e mais longe, alem pelas gargantas da Serra o uivo agreste da ventania assobiando nas ramas do pinheiral.

VICTOR VALPIRIO.

# LADRÕES DA HONRA

DRAMA EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

---

DENOMINAÇÃO DO ACTO

O BAILLÉ

---

PERSONAGENS DO 3º ACTO

Barão de Andirahy  
Panacho  
Dr. Farinhas  
Velasco  
Carlos de Souza

Affonso  
Almeida  
Lucia  
Rita  
Convidados, etc.

---

## ACTO III

Sala riquissimamente mobilhada em casa do Barão de Andiráhy. Pelo fundo vêm-se outras salas. Portas lateraes. Ao levantar do panno alguns criados atravessão a scena accendendo os candelabros e lustres.

### SCENA I

Lucia em attitude de quem seisma, com a mão pendida na face junto a uma mesa do centro. Está pallida e abatida. Do outro lado a criada que acompanhou-a no acto precedente.

RITA. — Então, menina, não quer vestir-se?

LUC. — Não. Para que?

RIT. — Em pouco abrem-se as salas....

LUC. — Que tenho eu com isto? As galas cobrem sorrisos, e posso eu tel-os?

RIT. — Como mudarão os tempos! Quando outr'ora a menina atravessava esta casa risonha e travessa, parecia que aqui era a morada d'uma fada, derramando em torno a alegria e o prazer. Os moveis, as paredes, tudo parecia animar-se. E hoje só tristeza e silencio agoureiro! Não sei o que adita-me o coração, mas...

LUC. — Os tempos mudarão, Rita. A criança fez-se moça. Hoje tens diante de ti a mulher que com o coração e o pensamento borda o manto do seu futuro. As bonecase os folguedos dos primeiros annos não dizem com quem procura a felicidade, com quem sonha com a sua missão providencial.... O' antes voltasse a quadra de innocentes recreiações! Eu teria um canto em vez do continuo soluço que me sufoca.

RIT. — O' foi aquella missa na Santa Cruz dos Militares! Antes lá nunca fomos.... Se eu adivinhasse!...

Luc. — Não o digas, Rita. Inda me lembro, foi a 2 de Novembro de 1850.

Rrr. — Dia aziago !

Luc. — Dia de ventura, aurora em que se banhou minha alma ! Meu coração pulou pela primeira vez d'um modo extranho, Rita. Passava por uma crise divina.... Estremeci. Vago anseio fez-me suspirar. Novos horizontes, delicias climas, céos mais anilados descerrarão-se a meus olhos. Eu vivi.... Os objectos, antes indifferentes a minha apreciação, de de então adquirirão esplendido colorido, eu os via debaixo d'outro aspecto, reflectião essa luz suave que de mim transbordava e ia illuminal-o.... Quando julguei comprehender a causa de tão subita mudança, corei, Rita... Era de pudor, mas tambem de felicidade !

Rrr. — Romantismo das mocinhas d'agora ! O tempo ha de mostrar o que se ganha com taes phantasias.

Luc. — Romantismo ! Tens razão, tua alma nunca se abriu ao amor, nunca sentiste a necessidade em teu proprio ser d'uma vida duplice ; por isso tens o egoismo do isolamento e da velhice. O calculo substituiu o sentimento. Pois, embora maldigas, eu abençoó a hora em que o vi. Foi uma inspiração. Eu orava pela alma de minha mãe e no meio da prece surgio a doce imagem. Os olhos pousavão n'ella, mas o pensamento estava no céo entre Deos e minha mãe. Que mais santos auspicios desejarias, Rita, para a ventura n'este mundo ? !

Rrr. — Vejo apenas um encontro casual. Quem não vai rezar pelos seus n'um dia de tanta solemnidade ?

Luc. — Não falles assim. Parece uma blasphemia ! Quanta gente não havia no recinto dominada pelos mesmos pezares e saudades ? E só elle devia atrahir minha attenção, absorver todos os meus sentidos ?

Rrr. — Foi o primeiro.

Luc. — Não sei.... Só sei que tinha a tristeza na fronte e os olhos inda humidos de lagrimas recentes. Como estava bello o meu Leonel ! O via pela primeira vez, mas produzió tão profunda impressão sobre mim, que fascinadà não deixei mais de contemplal-o.... Afinal nossos olhares encontrarão-se, embeberão-se n'um só como dois relampagos. Os sentimentos intimos de cada um de nós forão transmittidos de parte a parte. Comprehendiamos-nos.... De de aquelle instante a separação era para sempre impossivel entre mim e Leonel. Eramos felizes !.... Lembras-te ?

Rrr. — A menina tem um gostinho particular pelas recordações que a fazem soffrer !

Luc. — Lembras-te ? O dia era de finados e eu vim para a casa, sentei-me ao piano, e o jubilo e o amor transbordavão em mil notas ardentes, em variações indiziveis !... O meu piano cantava ! Tinha um só motivo, uma só melodia, uma só palavra : Leonel ! Cada tecla parecia animada d'um sentimento que não era d'este mundo !

RIT. — Se me lembro ! Foi um erro e mais um peccado, pois nem respeitou o dia.

LUC. — Cala-te, Rita ! Se era um erro, se era peccado, a lembrança de minha mãe os santificava !

RIT. — Deixe-me fallar. Eu criei a menina ; posso aconselhal-a e dizer-lhe a verdade. Não é só pela autoridade dos annos, é por estima.

LUC. — Eu sei ; mas não digas nunca que do amor puro e casto, como deve ser o riso de um anjo, provem o meu infortunio. Quero ao menos ouvir uma voz amiga dentro d'esta casa. Todos meus soffrimentos nascem da vaidade de um pai cruel e da ambição de alguns homens sem dignidade.

RIT. — E pretende lutar contra a vontade de seu pai ?

LUC. — Porque não ? Ou Leonel, ou a morte, já lhe disse. Carlos de Souza póde ter todas as virtudes, mas não é Leonel.

RIT. — Mas este mundo não se rege por imaginações... Ao principio é assim... e depois !

LUC. — Se eu sinto, como hei de negal-o ? E' minha alma que falla. Digão á flor que não solte o perfume, á luz que não brilhe.... E' impossivel, não hão de conseguil-o ! Arranquem-me pois o coração... E quem sabe se elle ainda não resuscitaria amando com mais ardor n'uma existencia immortal ! ?

RIT. — Mas seu pai quer. Como ha de resistir-lhe ? E demais Leonel está perdido para o mundo, lembre-se d'isto menina.

LUC. — Tambem sei querer. Matar-me só lhe resta fazer ; pois sou de Leonel onde quer que elle esteja.

RIT. — Olhe, a corda sempre rebenta pelo mais fraco. Não conhece ainda a vontade do Sr. barão !

LUC. — Se conheço ! Mas sou uma filha digna de tal pai. (*Pausa*) Nunca aborreci tanto meu nascimento, Rita, como hoje. E' elle que me prende ao supplicio. Porque não nasci na miseria ? De que servem um nome pomposo, sedas e joias, sem um vislumbre de felicidade ? Ha mendigos que podem invejar-me a sorte, quando me vêm passar, porem nenhum a desejaria para si, se pudesse ouvir sob as sumptuosas roupagens o poema de angustias que minha alma soluça. E' a eterna historia das grandezas ! E deve ser assim, o raio fere sempre no mais alto.

RIT. — O que ganha com lamurias ? Vá vestir-se, menina ; se não quer obedecer, finja ao menos.

LUC. — Não me aconselhes a hypocrisia que nunca se deo com os meus habitos.

RIT. — Fallo assim, porque seu pai tambem vai rallar cecigo.

LUC. — Deixa tudo por minha conta.

RIT. — Sim !... emfim já estou acostumada. E como não anda, nem desanda, vou ver como marcha aquillo lá por dentro. A menina faça



o que quizer, mas não metta a sua velha Rita na dansa.  
(*Sae*).

## SCENA II

Lucia e o barão que atravessa a scena preocupado e sem vel a.

LUC. — E quando Leonel soffre e jaz no fundo d'um carcere, sou arrastada ao turbilhão das salas! Devo rir, quando meu coração geme; devo mentir. A vida dos palacios é bem extranha!

BAR. (*que a vê*) — Lucia.

LUC. — Senhor.

BAR. — Que fazes aqui? Porque não estás vestida?

LUC. — Estou doente. Não posso aprésentar-me.

BAR. — Mas eu quero.

LUC. — Isto é uma crueldade, meu pai!

BAR. — Eu quero.

LUC. — E de que serve a minha presença, se a pallidez de minha face, a tristeza!...

BAR. — Has de sorrir, ouviste? Quanto á pallidez, depois de uma valsa desaparece.

LUC. — Isso nunca! Como quer que eu sorria sob o dominio de lúgubres pensamentos, com as palpebras pisadas, borbulhando lagrimas ardentes? E' um duplo martyrio, que não supportarei.

BAR. — Aqui ha uma só vontade. E' a minha. E hão de respeitá-la, o juro.

LUC. — Eu o respeito, meu pai, e respeito o senhor os sentimentos de sua filha?

BAR. (*com gesto animado*) — Lucia, não admitto considerações ás minhas ordens. Uma filha cumpre seus deveres, obedecendo. Já te disse quaes as minhas intenções a respeito de Carlos de Souza. Opinião assim, porque o entendi, e é resolução irrevogavel. Só a um pai pertence curar do futuro de seus filhos.

LUC. — E' impossivel, no entretanto!

BAR. — Impossivel, quando eu quero?

LUC. — Aborreço este moço e virei mesmo a odial-o.

BAR. — O aborreces?!

LUC. — Sim, porque amo a Leonel.

BAR. — Te repito, Lucia: Não pronuncies mais um nome que me desagrade.

LUC. (*exaltando-se*) — Meu coração o pronuncia com volupia, estremece de prazer ao ouvil-o! Como quer que eu minta a mim mesma? Renegue os meus sentimentos? Mate-me, mas não obrigue sua filha a praticar uma indignidade...

BAR. — Lucia! Lucia!

LUC. — Mas...

BAR. (*com voz vibrante*) — Nem uma palavra! A afeição paterna desaparece em presença de tanta audácia. Sou pai e farei respeitar minha autoridade como tal. Nunca pensei que te atrevesse a ir de encontro ás minhas ordens. Dedicaste amor a um homem e tigmatizado pela opinião e hoje degradado pela lei; a um homem, que, de parte estas circunstancias de favoráveis, não podia ser teu marido; porque grande distancia medeia entre a filha de um rico banqueiro e um proletario que especula sobre sua fortuna. Demais a ventura só provem da identidade de condições. Inexperiente erraste, mas na qualidade de pai cumpre-me guiar teus passos á recta vereda. E por esta razão fiz a escolha de Carlos de Souza... Vai vestir-te, Lucia; ordeno... Ouviste? (*Lucia quer fallar*) Nem uma palavra! Não queiras um escandalo. Não trepidarei, posto que seja cruel a ambos. Vai vestir-te e quero ver-te sorrir. E não obedças!

LUC. (*commovida*) — Obedeço... Li que antigamente os sacrificadores enfeitavão as victimas para a morte... e o senhor! Obedeço. (*sac*).

### SCENA III

O barão só cruzando os braços e seguindo Lucia com o olhar

BAR. — Criança! quer lutar com o homem que lutou com o mundo em peo e soube esmagal-o com sua energia; contra o ex-caixeiro que, da extrema penuria, galgou uma posição invejavel, uma fortuna, diante da qual os seus maiores inimigos rojarão por terra.

### SCENA IV

O mesmo e o guarda livros Almeida

ALM. — Sr. barão.

BAR. (*voltando-se*) — Que ha?

ALM. — Tristes novas! Sem o que não viria, como ave de agouro, tiral-o dos prazeres d'uma festa.

BAR. — Póde ir dizendo, meu velho amigo. Sabe que nada me abala.

ALM. — Enquanto o senhor despende largos cabedaes em bailes e banquetes que servem mais para contentamento alheio, vai sua casa perdendo o credito e soffrendo serios revézes. Não se zangue com o máo humor de um velho, mas sincero amigo.

BAR. — Falle, Almeida.

ALM. — Não sei quem por vingança, ou outro qualquer motivo, teve a infernal ideia de assoalhar que o banco em critica situação, está a suspender os pagamentos.

BAR. — Mas é uma calúnnia!

ALM. — Que faz bastante mal.

BAR. — Em breve conhecerei os autores; porem não vejo motivos para apprehensões.

ALM. — Não tanto assim. O boato toma corpo e para alguns já vai passando por verdadeiro. E imagina o Sr. barão as consequencias? Não sabe o que é uma corrida?

BAR. — Ora, Almeida! Quer fazer de arguciros, cavalleiros?

ALM. — Antes me enganasse! O povo em multidão assallará o banco; todos açodadamente exigirão os seus capitaes, quererão ser servidos a um tempo, porque em questões pecuniarias, quando cada qual receia por suas economias accumuladas escassamente, e com sacrificio em longo prazo, não deve-se esperar sangue frio e calma. E ahí temos, Sr. barão, tumulto e desordem! Vociferações até contra este pobre velho, que tem muita rabugem, mas muito tino e previdencia, por isso mesmo que não deseja ser inquietado.

BAR. — Recceios imaginarios, meu amigo... A supposição d'uma corrida não se realisará, de-de já lhe affianço. Vamos admittil-a com tudo. O que faremos? Nada mais facil. Faremos face com promptidão a todos os compromissos. Logo que reconheção a balela, devolver-nos-hão novamente sua confiança. Em vez d'um perigo para a casa, deparamos com uma occasião de firmal-a mais em seus creditos.

ALM. — Porem não é só isto, Sr. barão. Mesmo no que é relativo ao reembolsamento dos credores, seria difficil, se todos corressem a retirar seus capitaes; porquanto disponiveis e em caixa apenas temos quinhentos e sete contos, e o dinheiro em circulação não se reha-veria senão em parte e com grande desconto. O senhor conhece tudo isto melhor do que eu e ainda como se acha actualmente em crise o estado da praça, o que dificultaria quaesquer transacções de emprestimo. Mas o que me assusta sobre tudo é o revéz.

BAR. — Um revéz?! Como? Explique-se, Almeida e deixe estes ares mysteriosos.

ALM. — O banco Moreira & Sampaio da Bahia abriu fallencia.

BAR. (*presto*) — D'onde o soube?

ALM. — Um navio consignado á Ranscradell & Fox acaba de chegar e trouxe-nos esta carta. (*Apresenta-a ao barão*).

BAR. (*recusando-a*) — Basta-me dizer o seu conteúdo.

ALM. — Sampaio fugio para a Europa, julgão, levando consigo a maior parte do que havia. A liquidação da massa fallida redundará em pouco. Calcula o nosso correspondente em 60 % o prejuizo. Os 220 contos de que é devedor á casa, ficão portanto reduzidos a 88, tendo-se a perda de 132!

BAR. — Não ha duvida, foi um golpe inesperado.

ALM. — Terrivel! e mais terrivel ainda combinado com os boatos que correm.

BAR. — E siem-se em virtudes e honra! O Sampaio fallir com fraude! O homem, a quem eu entregaria toda a minha fortuna em boa fé!

ALM. — E agora, Sr. barão?

BAR. — Indifferença, Almeida, a maior indifferença. Tenho esperança que não será nada. E como tenciono casar Lucia com o filho do visconde de Itapagé, se o caso fór de urgencia, tenho certeza que elle me auxiliará. Pretendo continuar a gastar como o faço actualmente; porque qualquer mudança nos meus habitos, traria desconfiança áquelle; que me veem diariamente expender como um millionario. Desejo tambem que no escriptorio não se veção caras doentias e my-santhropicas.

ALM. — Concordo com tudo, excepto com as profusões. Economia e o banco sahirá são e salvo da crise. E como mais usada faço aqui, retiro-me, Sr. barão.

BAR. — Se quer ver um homem que resiste impavidamente á tempestade, fique para assistir o baile.

ALM. — Agradecido. Sabe que sou contra esta verba de despeza. (*Sae*).

## SCENA V

O barão só

BAR. — O Sampaio! 132 contos! Hoje necessitava de silencio para pensar sobre tão graves negocios! Sou ameaçado de ruina. Este baile contraria-me realmente!

## SCENA VI

O mesmo e Penacho

BAR. — E' o primeiro que chega.

PAN. — Porque sou o mais prompto no serviço de V. Ex.

BAR. — Assim o considero.

PAN. — Já sabe da falsa noticia que circula?

BAR. — Já, meu amigo.

PAN. — E o que suppõe V. Ex.?

BAR. — Alguma vingança tacanha, presumo.

PAN. — Mas que póde ser de máos resultados.

BAR. — Não acredito. Apanhou-mo com grande numerario em caixa, eventualidade que nem sempre se dá.

PAN. — E não suppõe V. Ex. d'onde possa partir a calumnia? Quem seja o autor?

BAR. — Tenho pensado, mas não acho nada que possa explicar-a. *(Como ferido por subita ideia)* Ah!

PAN. — Descobrio?

BAR. — Conhece um guarda-livros por nome Affonso?

PAN. — Um que dizem ser filho de V. Ex.?

BAR. — Dizem. Este moço irmão adoptivo de Leonel, não seria capaz de despiciar-se por tão ignobil meio? Mórmente, quando vota-me pouca sympathia?

PAN. — Vai mal por ahí. Affonso é leviano e frivolô, capaz de loucuras, mas não de maldade.

BAR. — Então . . . não atino.

PAN. — O Dr. Farinhas tem motivos de ressentimento contra V. Ex.?

BAR. — Que eu saiba . . . E' verdade! Desconfia d'elle?

PAN. — Tenho plena certeza . . .

BAR. — Como o sabe?

PAN. — Pessoa fidedigna referio-me que elle é um dos mais encarnicados propaladores da balela.

BAR. — Será porquê neguei-me a pagar 2:000\$000 rs., que exigio por ter soccorrido minha filha no café Pedro II, quando deu-se o ahallamento?

PAN. — Creia V. Ex. que ó. O Dr. Farinhas é um medico refractario aos deveres de sua profissão, pessimo cidadão, inimigo por inveja de todos os talentos e celebridades, libertino perigoso á paz das familias; e demais detractor ousado e habil; é no que elle prima.

BAR. — Lance-o a derisão publica pela *Voz da Verdade* como fez a Leonel.

PAN. — Amanhã publico dois artigos edictoriaes sobre a cara de V. Ex., e ponho a nú a calva do dysecolo Galeno.

BAR. — Fez bem. Desde já contracto-o para continuar a defender os meus interesses bancarios. Offereço-lhe 4:000\$000 por tudo que fór relativo á questão. Convem-lhe?

PAN. — Pois não. V. Ex. sabe que tenho sido sempre prompto a servir o.

BAR. — Não me poupe o doutor, que apezar de diffamar-me, mandou-me pedir um convite para o baile d'esta noute.

PAN. — V. Ex. não ignora que minha penna, ora infiltra delicadas e suaves essencias, como quando de lisa pelo folhetim; ora corta por almas, como o mais acicalada e calpello, na disseccão d'um cadaver; ora lança a peconha, fere como a setta hervada do tupy; ora ergue idolos ao mais deslumbrante pedestal; e depois abate os, aniquila-os; é o instrumento mais glorioso, a arma mais terrivel d'este seculo? O que são a par d'ella os inventos de Armstrong, de Krupp, Comblain? Só ella realisa plenamente o *varietas delectat* do velho Horacio.

BAR. — E' uma grande necessidade para o mundo. Ha tantos tratantes!

PAN. — Deixe pois o doutor [a minha conta. Farei rir ao publico e simultaneamente indignar-se.

## SCEEA VII

Os mesmos, o Dr. Farinhas e Velasco

BAR. — Sr. Velasco, doutor, saude perfeita? Não?

VEL. — A minha é invariavel, e a de V. Ex.?

BAR. (*ironico*) — Não é por certo como a do Dr. Farinhas, que deve distribuil-a profusamente com os seus doentes.

FAR. — Não é como o pensão. O calor! O calor! E' um vesicatorio insuportavel!

BAR. (*ironico*) — E' como a calumnia, doutor, e ao meu ver é preferivel o primeiro á segunda. O sol não é tão vesicante . . . E a calumnia!? Não queima, só, tisma, e ás vezes carbonisa. Não é, doutor?

FAR. — Conforme . . . conforme . . .

BAR. — Eu desejaria conhecer a abalizada opinião do doutor.

FAR. — O caso é grave, gravissimo. Não sei se entro os raios abraçadores do verão e os assaltos de qualquer lingua viperina, eu me demoraria muito a escolher. E' duvidoso.

PAN. — Talvez ficasse como o heróe do celebre argumento de Buri-dan.



VEL. — Eu desprezo tudo que possa inquietar-me. Para cuidados o tempo sobra.

BAR. — Pois eu doutor, considero os detractores, como esses reptis que á traição dão o bote no incauto viandante, e cujos dentes, cortando como um bisturi, derramão mortal veneno na ferida. O homem para estar em segurança, declarou-lhes uma guerra incessante. A sociedade para ser bem organizada deve destruir tambem todos os elementos de desordem que contem. Os detractores perieencem ao numero.

VEL. — Comparou muito bem V. Ex.

BAR. — A comparação é frisante.

BAR. — Assim hoje propalarão na praça que minha casa bancaria estava a suspender os pagamentos. Não ouviu, doutor?

BAR. — Ouvi e o defendi como verdadeiro amigo. E dizem ainda mais que o Sr. barão é o autor das de graças de Leonel. Tive novamente de defendel-o.

PAN. (*sarcastico*) — E faz bem, doutor. Assim o fizessem todos tão lealmente. (*Começão a entrar outros convidados*).

BAR. — Com licença. Vou receber os meus convidados.

## SCENA VIII

Os mesmos menos o barão

VEL. (*a um criado que passa*) — Psio! Traz-nos cerveja.

BAR. — Para mim sorvetes.

VEL. — Então, meu jornalista, ninguem chamou-te á responsabilidade?

PAN. — Porque?

VEL. — Que memoria! Pois já te esqueceste do mestre-escola?

PAN. — Ah! Leonel é de bom natural. (*O criado entra com uma bandeja*) Tambem foi uma questão de nonada. Durou algumas horas o passou mais depressa que as modas parisienses.

VEL. (*ao criado*) Põe sobre a meza. (*Os tres vão sentar-se*).

BAR. (*tomando um sorvete*) — Se eu de sejasse a transformação de minha natureza, era em sorvetes. . .

PAN. — Ou n'uma lárice que é arvore dos climas frios.

BAR. — Qual lárice! (*Olhando com sorriso chacoteiro para Velasco*) Julga que ainda assim não seria sugado por alguma para-éta?

VEL. — Ora! Deixemo-nos de botânica. A sciencia não foi feita para os bailes. Tratemos de outra coisa. Por exemplo: A' saúde do ex-professor.

BAR. — A' mesma.

PAN. — Parece-se pulis.

VEL. — Bom Leonel ! Deu-me grandes lucros sem o minino trabalho.

FAR. — E não souberão o que lhe aconteceu ?

PAN. E VEL. — Não.

FAR. — Está mal. A serie de vicissitudes porque tem passado, destruirão-lhe as forças e prostrarão-no bastante enfermo. E certifico-lhes que morre impreterivelmente, pois teve a criancice de chamar á sua cabeceira o Dr. Mascarenhas.

VEL. — Morre ? Está tão mal ? Não pensei ! . . .

PAN. — O que é a morte de um homem, quando ha milhões sobre o planeta ? E' factó diario e sem nenhuma consequencia para a marcha e desenvolvimento do genero humano. Não houve já quem calculasse que por hora dão-se tres mil obitos, pouco mais ou menos ? Mal de nós, se por cada um que tomãsse, abrissemos o dique ás lamurias e pezares !

VEL. (*bebendo*) — Não concordo. E' a unica ideia, com que não posso conciliar-me. Cauza arripios só a gente pensar que vai ser devorada por hediondos vermes !

FAR. — Admittida a sensação depois da morte, seria um supplicio inexprimivel ; mas como a morte é apenas a decomposição da materia que vivia pela harmonia do organismo, o receio é pueril.

VEL. — Coisa estúpida o ter-se uma alma unida ao corpo ! E não saber como será a separação !

FAR. (*com ar de superioridade*) — Alma e Deos são palanfrorios !

PAN. — Velasco é uma criança, doutor ; não vê que alimenta theorias de meninos e mulheres ?

VEL. — Repito o que me ensinarão desde o berço.

FAR. — O medico aceita taes absurdos por verdades, porque quer ter doentes.

PAN. — A imprensa os publica, porque quer ter assignantes.

VEL. — E o povo porque crê ?

PAN. — A razão é intuitiva. Tambem os governos precisão viver e sustentar-se. Para isto assalarião soldados do pensamento. São os padres que vão pregar por todos os angulos da terra os dois principios, que elles considerão como fundamentaes para a organisação da sociedade. O povo que os ouve e nunca discute em seu espirito o que elles asseverão sem provas, começa a crer pelo factó de crer sómente, isto é, admittindo como provado o que resta provar. Sem taes prevenções nenhum governo subsistiria, as desordens serião constantes, cada qual viveria ao talante de suas paixões, como qualquer salteador ou peior, porque elle mesmo está sujeito ao regulamento do bando. A existencia de Deos e a immortalidade da alma com o sequito de outras superstições são a mola de todo o mechanismo politico. Assim a consciencia e o remorso em animos credulos tornão-se necessariamente

fataes; o que demonstra tambem que o erro á força de ser repetido em algumas gerações passa afinal pela propria verdade.

FAR. — Muito bem! Pela sciencia que cultivo durante vinte annos, attesto que em centenas de cadaveres dissecados, não encontrei ainda o fio de Ariadne para descobrir a celebre substancia da alma. Nenhum vestigio!

PAN. — Não amo a metaphysica. Temo perder-me em seu intrincado labyrintho. Se toquei no assumpto, foi para cathechisar este pobre Velaesco, que anda com a cabeça pela lua.

VEL. — Tudo é falso? Crenças, sentimentos, nada valem?

PAN. — Farfalhas!

FAR. — Convenções!

VEL. — Póde o homem fazer o que lhe apraz?

PAN. — Sem duvida. Mas o methodo de saber viver é o ponto de apoio que procurava Archimede:; Poucos o achão. Uns, arrebatados, vão terminar seus dias n'um carcere; outros dependem do mundo inteiro; muitos vegetão e inconsciamente morrem. Mas com independencia e sabedoria só o jornalista, o paladino dos tempos modernos. Não veem como eu, da caixa e do componedor, ergui-me ás mais altas eminencias!? Quem ataeou mais rijamente imperador e ministros, deputados e senado, barões e marquezes e os talentos de mais nomeada dentro e fóra do paiz? Se quero dinheiro, cunho-o com duas pennadas, cada individuo é uma mina e o mundo um erario inexgotavel. Se quero dignidades, titulos; e crevo algumas linhas de sentido ambiguo.

FAR. — E o medico? No seu orgulho, não esqueça aquelle que tambem com a penna póde dar-lhe o passaporte para a outra vida.

PAN. — Papel de Caronte! Mas esta outra vida, doutor, estamos concorde; é um mytho. O que vale matar? Nada, nada absolutamente. A flagellação no corpo vivo, a morte moral na opinião, as sublimes doutrinas de Escobar e outros dicipulos de Loyola que com a palavra envenenavão e destruião, não no espaço de uma hora, mas com o prodigio da agua de Tofana e do elixir dos Borgias; eis o poder, a supremacia do jornalismo! Porque a imprensa combate e ha de sempre combater a companhia de Jesus? Porque são dois adversarios pujantes, com as mesmas aspirações, os mesmos designios; porque o mundo é pequeno para ambos; porque reinando juntamente, os actos de um nullificarião os actos do outro. Portanto o aniquilamento ou a absorpção foi uma necessidade. Venceu o jornalismo — o jesuita sem roupeta cingio na frente a estemma do triumpho, e governa a tiara, os reis e os povos.

FAR. — Presumpção e agua benta . . .

PAN. — O que seria o doutor sem o seu auxilio? Quem acredita o medico? Não vê todos os dias os jornaes pejados de elogios pela

maior parte escripto; pelo proprio punho dos elegiados com uma assignatura a pedido?

FAR. — Os charlatães . . . Em nunca precí-ei de taes cataplasmas. *(Começa o baile. A musica toca uma quadrilha).*

VEL. — Taes assumpto; são indigestos n'um baile.

PAN. *(sorrindo)* — Pois doutor, amanhã não terá cataplasma, mas um caustico jornalístico, e diga-me depois: se na sua pharmacopeia ha algum de effeito mais poderoso. Vamos ao baile, que é tambem uma escola. N'elle estudão-se os caracteres de-de a ingenuidade até a perversidão: o pudor abraça a impudicicia, a ignorancia acotovella a sabedoria, a modestia dá a mão á fatuidade. Par a par desfilão os typos mais discordes: dança a velhice com a mocidade, valsa o grotesco com a belleza, etc. Vamos.

## SCENA IX

Carlos de Souza conduzindo Lucia pelo braço

CAR. — V. Ex. prefere a conversa á dança?

LUC. — Desejava fallar-lhe em particular, Sr. Carlos de Souza.

CAR. — Muito ponhora-me a distincta honra . . .

LUC. — Sentemo-nos. O que tenho a dizer, não devia ter testemunhas. Eis o motivo por que pedi algumas palavras em troca d'uma quadrilha.

CAR. — Estou ás ordens de V. Ex. O que exige d'este seu humilde servidor?

LUC. — Julgo o Sr. Carlos de Souza um homem de bem, prezando sua dignidade acima de todas as considerações . . .

CAR. — Agradeço o juízo favoravel que V. Ex. tem a bondade de dispensar-me. Fez bem em pensar assim, e se V. Ex. encontrou oportunidade do por-me á prova, mostrar-lhe hei que sei corresponder satisfactoriamente a tão li-onjeira opinião.

LUC. — Pois bem, Sr. Carlos de Souza, seja franco; quaos são suas pretensões a meu respeito?

CAR. — As de um homem que a ama e venera.

LUC. — Aspira meu coração?

CAR. — Será a suprema felicidade! A plena satisfação de meus mais ternos votos, se puder conseguil-o!

LUC. — Mas é impossivel!

CAR. — Impossivel!?

LUC. — Com pezar, o digo, mas é a verdade.

CAR. — Então sou a vítima d'uma illusão. V. Ex. não correspondia ao affecto immenso que eu lhe votava ?

LUC. — Sim, antes que o senhor me apparecesse, já eu havia consagrado toda a minha alma, toda a minha existencia a outro homem. De de muito eu amava e d'esse amor que quanto mais correm os annos, tanto mais as raizes profundão. Vê, sou franca, era incapaz de enganar-o. De que serviria que eu ao pé dos altares concedesse-lhe minha mão e pronunciasse um juramento tão promptamente pronunciado, como abjurado pelo coração ?

CAR. — Se me fosse licito duvidar do que acabo de ouvir !

LUC. — Não duvide ! Olhe para mim, Sr. Carlos de Souza. Não encontra em cada traço de meu rosto o testemunho irrecusavel de minhas palavras ? E para que illudil-o ? Teria eu a coragem de mascarar meus actos com uma comedia ? Com que fim !

CAR. — Mas eu amo a V. Ex. !

LUC. — É posso amal-o, quando outra imagem gravou-se em meu espirito ; quando a tenho presente a cada instante que passa, de dia e de noite, na vigilia e no somno ? Quando é o pensamento de meus pensamentos, o iris da esperanza, a felicidade que me sorri no futuro ? Mesmo que eu quizesse esquecel-a, Sr. Carlos de Souza, me era impossivel, não me pertenceo mais !

CAR. — Esqueça-o por piedade ! Esqueça-o, não torne-me um miseravel juguete, pois é o meu sonho de ouro que V. Ex. de-faz, como por um mero capricho !

LUC. — O senhor me faz soffrer ! Como podem meus labios articular a palavra que será para mim um punhal a rascar-me o seio, e para o senhor o veneno a saturar-lhe a consciencia ?

CAR. — Tem razão. E esse outro homem é . . .

LUC. — Prometti ser sincera, e sel-o-hei até o fim ; esse outro é Leonel.

CAR. — Ainda elle ? !

LUC. — Confessei. De ista das suas pretencões e votar-lhe hei, Sr. Carlos de Souza o mais profundo culto . . . Admiro as grandes coragens ! (*Estendendo-lhe a mão*) Offereço lhe a mão de amiga, já que não posso offerecer lhe a mão de esposa.

CAR. — Quem póde escolher, sou eu. Quero a de esposa. (*Estendendo a mão para estreitar a de Lucia*).

LUC. (*retrahindo o braço*) — O senhor quer ?

CAR. — Acima do consentimento de V. Ex. ha o consentimento do Sr. barão.

LUC. — E a dignidade, senhor ?

CAR. — A questão desloca-se ; tornou se de amor-proprio e capricho.

LUC. — Miseria ! Eu odiava-o, mas desde este momento, nem odio posso votar-lhe, porque elle occupa lugar ; e o senhor não deve

nem ao meu: como um espectro terrível, como uma imagem cruel atravessar o coração d'uma pessoa honesta. E ainda mais unir meu destino ao seu! O' não peo ou de certo, quando teve tal velleidade! Eu que amo a Leonel, aquelle character nobre e puro que inlingio-lhe o devido castigo, quando arrojava meu nome pelas salas d'um botequim, eu, amar o senhor? Não se conhece! Não deseo de tão alto para ennodoar-me na vileza de um homem que prevalece-se da autoridade de um pai contra uma pobre moça.

CAR. — V. Ex. diga o que bem lhe aprouver; tenho uma couraça no meu habitual sangue frio.

LUC. — O' o senhor é . . .

CAR. — Um homem que sabe lutar e não escolhe os meios para chegar aos fins.

LUC. — E' um in . . . infame! Saia. (*Apontando-lhe a porta do fundo á direita*).

CAR. — O tempo reformará o conceito dictado pelo ressentimento.

LUC. — Saia . . .

CAR. (*retirando-se*) — O Sr. barão restabelecerá a paz entre nós.

## SCENA X

A mesma e Affonso (*que apparece na porta do fundo á esquerda e assiste o final da scena precedente*).

AFF. — Muito bem, minha irmã!

LUC. (*correndo a elle com effusão*) — Affonso!

AFF. — Um abraço . . . Como estás, minha amiga?

LUC. (*tomando-lhe as mãos*) — Como está Leonel? E sua mãe? Estão bons, não é? Leonel falla muito em mim?

AFF. (*triste, á parte*) — Como dizer a verdade! (*Alto*) Todos bons, Leonel só falla em ti, Lucia.

LUC. — Mas deve estar muito triste! Pobre Leonel! Tem soffrido tanto!



SCENA XI

Os mesmos e o barão (*que apparece no fundo á esquerda, os vê e vem separal os*)

BAR. — Quem deu lhe o direito de entrar n'esta casa ?

AFF. — Quem pergunta, porque o remorso entra na consciencia ? Talvez seja o mesmo perguntar por que um filho entra em casa de seus pais . . .

BAR. — Senhor !

AFF. — Fique tranquillo, Sr. barão ; não é o filho de V. Ex. com a viscondessa de Aimbire que se acha presente ; é o irmão de Leonel de Almeida que vem impetrar uma graça.

BAR. — Em que posso servir-o ?

AFF. — Abra a prisão de Leonel, V. Ex. pôde.

LUC. — Sim, meu pai. (*Cahindo-lhe aos pés*) é Affonso, é Lucia, é Deós quem lhe supplica !

BAR. — Não.

LUC. — Oh !

AFF. — Ah ! se houvesse justiça na terra !

FIM DO TERCEIRO ACTO

---

# A L I C E

( conto )

---

## I

*Ella* tinha quinze annos, essa morena fascinadora de olhos negros, tão negros — como seus cabellos crespos.

Alvaro, jovem e poeta, tão rico de sentimentos quão pobre de dinheiro, morria de amores por Alice.

Amavão-se mutuamente; esses dois corações gêmeos palpitavam ás impressões do primeiro amor: — esse raio divino que se reverbéra na face da materia, — esse perfume do céu que desce no orvalho das noites ao seio das violetas do ermo!

Mas... como uma nuvem cinzenta embacia muitas vezes o céu côr de rosa das alvóradadas de primavera, uma barreira de ferro antepunha-se á felicidade d'essas duas amantes creaturas, o orgulho dos homens quieria afastar essas almas unidas pela mão de Deus. Alvaro era pobre, muito pobre, e Alice era a filha unica de um dos mais ricos capitalistas de Porto Alegre.

Feliciano de *tal*, homem de vinte e oito a trinta annos mais ou menos, de negros bigodes, *pince-nez* e colarinhos á *todo o panno*; — ave de arribação que viera não sei de que provincia do Norte com um pergaminho, confiado na prepotencia paterna, comprar um dote, pede Alice em casamento.

Vendo frustrados os seus planos na resposta negativa da filha do commendador Pedro de Magalhães, o bacharel não desanimou, ainda resta-lhe um meio: explorar a ambição do commendador. Este, rico e estúpido como os fidalgos d'esta terra, — fidalgos em miniatura —

não sabia como definir a satisfação que sentia em dar a mão de sua filha a um doutor.

— Um doutor! . . . dizia elle com os seus botões, ora que finalmente posso bradar. — *Eureka!* Estão realizados os meus sonhos dourados: — rico, — commendador, e o que é mais que tudo — sogro, d'um doutor!

E, sem que consultasse Alice, começou a tratar do casamento, que devia realizar-se o mais breve possível; a noticia correu de bocca em bocca, e como não é de admirar alguém se encarregou de transmittil-a a Alvaro.

Este, que não tinha um unico meio de fallar á Alice, que já não frequentava o collegio, e que por isto deixára de encontrar-se com Aninhas, irmã de Alvaro, de quem era condiscipula, escreveu-lhe estas quatro linhas:

« Minha doce Alice.

E' voz geral que vais casar-te por estes quinze dias com um doutor que veio do Norte. Comtudo não faço-te a injustiça de erer em semelhante noticia.

Teu amante extremoso

Alvaro. »

Uma pilha electrica não produziria maior effeito arrebetando a seus pés do que estas ligeiras linhas que requeimavão-lhe os dedos inertes na occasião de lel-as, querendo antes não comprehendel-as. . . Alice amava muito o desventurado Alvaro para illudil-o; repetir-lhe a verdade. . . — seria matal-o, e *ella*, era um anjo! queria ser a unica victima da ambição de seu pai.

## II

Quinze dias são passados.

Estamos no arraial do Menino Deos, o mais poetico arrabalde d'esta nossa bella capital.

Quanta poesia ha n'aquella pequena igreja de architectura gothica, ali tão perto da montanha! . . . Como são bellas aquellas singelas casinhas brancas á beira da estrada — alvinitentes garças á tona d'um oceano de flores!

● sol poente, que ainda ha pouco encurtava a franja de ouro de

suas fagulhas rubras, já mergulhou de todo a fronte incendiada no seio lípido das aguas.

A lua — pallida peregrina de todos os tempos — vai remontando vagorosamente o cimo da cordilheira do oriente . . .

São *Ave-Marias!*

Momento mystico, indefinivel, que resume o poema da contemplação, o hymno das alegrias, a elegia das tristezas . . .

É a hora em que a fronte seismadora pendê atordoada de almejos e saudades . . . em que uma lagryma perdida rola-nos pela face, e o coração no impeto dos palpites parece querer saltar do peito.

Já a noite com o seu cortejo de estrellas de enrela o seu brial de sombras pelas campinas; e o luar, batendo em cheio nas vidraças do templo, abre a gruta dos mysterios que poveão as horas do silencio . . .

Alice está triste e pallida; pelo braço do noivo, a quem responde distrahidamente ás perguntas que lhe são por elle feitas, ella procura *alquem* d'entre a multidão . . .

Esse *alquem*, naturalmente, a mimesa leitora já advinhou? . . . .  
sim, não enganou-se — é Alvaro.

Alice quer vel-o ainda uma vez, dar lhe o seu ultimo sorriso de virgem, depois . . . vai entregar-se resignada a um homem a quem odeia, — esse que está a seu lado: — o bacharel Feliciano.

Oh! como deveres triste o — adeus da donzella a todos os sonhos da mocidade, a todos os encantos sublimes — do primeiro amor, quando vai dar a mão a um homem a quem não pôde dar o coração — que já lhe não pertence! . . .

Pobre Alice!

Tão bella! tão jovem! e tão soffredora! . . .

Pedro de Magalhães, tu ainda existes, e bem pode ser que estas linhas cheguem ás tuas mãos; se por ventura assim acontecer, não passes por alto este pericdo, não, commendador Pedro de Magalhães! debes lel-o, relel-o; — pois estas linhas são traçadas por quem tem o desespero na alma, a maldição nos labios e a indignação na consciencia.

Julgas que um pai pôde dar leis ao coração de um filho? . . .

Louco! que nem sonhas o quanto é hediondo o crime que commettes em querer embalde suffocar o affecto que espontaneamente irrompeu do coração de tua filha! Essa pobre innocente que immolaste aos ouropeis fatuos que deslumbraão-te nas trevas de tua ignorancia! . . .

Louco! tres vezes louco!

Sujeito aos preconceitos estupidos de uma sociedade egoista, que tudo exige, tudo quer; e nenhuma razão — por mais logica que seja admittê, nenhum sacrificio — por maior que seja agradece; automato que te moves á ambições malditas, á sêde de méros nada que te resseca a alma extéril, deixas de apertar a mão sem luya do pensador

mode to e não córas; ao tirar o chapéu a esse homem almiscarado — que procura encobrir n'um pergaminho as lendas negras de um passado de infâncias, a série numerosa de aventuras tórpes!... Oh! Pedro de Magalhães!...

Mas... estou vingado; eu te perdô tudo: — tu és commendador..

Alice dirige-se ao templo.

Ao transpor os umbraes da casa do Senhor, seus olhos desprendem um turbilhão de raios, seus cabellos soltão uma chuva de perfumes!..

Todos o solharez volem-se como que atraídos pelo iman de seus eucantos.

De de o *petit-maitre* de lueta ao velho de bastão; da *coquete* de treze annos até a velha de mantilha, que tão apropiadamente o vulgo appellidou — *barata*, todas as cabeça svollão-se ao mesmo tempo.

Alice nada d'isso nota, pois além de seus pensamentos estarem bem longe d'ahi, em qualquer parte que fosse, sua belleza peregrina chamava a attenção do auditorio.

Dirige-se ao altar da Virgem da Conceição, e, depois de ajoelhar, entreabrindo as petala; mimo as dos labios de prende do lyrio de sua bocca as vozes suavissimas de uma pree de moça.

De repente... seus olhos encontrão-se com os de Anninhas que, rasos de lagrymas, n'aquelle instante desprendião-se do Christo de marfim que tinha á sua frente.

— Anninhas! murmurou Alice ao ouvido da irmã de Alvaro; as tuas lagrymas de esperão-me! como vai teu irmão? oh! como está elle?... Ha tantos dias que o não vejo... desconfio... oh! Anninhas! Alvaro soffre, não é assim?... elle está enfermø, não m'ò negues, elle corre talvez perigo?...

— As tuas palavras são o echo das que á pouco murmurei ao medico que deixei á sua cabeceira; Alvaro soffre, soffre muito, coitado!

A' todo o instante tu lhe preoccupas a mente agitada... murmura o teu nome no delirio da febre... beija o teu retrato que aperta contra o peito com de-espere. E se o cansaço o pro-tra por minutos, ainda assim seus labios se entreabrem para repelir teu nome...

— Meu Deus!... forão as palavras de Alice ao cahir sem sentidos no assoalho do templo.

Levaram-n'a em braços ao carro que e tava á porta.

E' noite cerrada.

O carro de Magalhães, puxado per fogo-os cavalloz inglezes, parte á toda brida; desapparece na nuvem de pó que deixa após si, semelhante á caravana que perde-se na vastidão dos arcaes do Sahara.

III

O sol vai declinando ao occidente.

O rio é sereno — porque o céu é azul . . .

As virações do crepusculo contão segredos ás flores . . .

As flores entreabrem as petalas ao sereno do céu . . .

As harmonias que sobem da terra parece que murmurão — *Ave.*

E as sombras que descem do infinito repetem — *Maria!* . . .

Offereço o braço á leitora e convido-a a irmos até a casa de Alvaro.

No fundo do leito o inditoso poeta espera o derradeiro momento que se aproxima . . .

Anninhas, ajoelhada ao oratorio, soluça abraçada a um crucifixo de madeira.

Luiz, jovem amigo do enfermo, scisma aos pés do leito.

Entra precipitadamente um rapaz da casa de Alice, e, sem saudar pessoa alguma, entrega um bilhete a Alvaro.

Luiz corre ao encontro do portador indiscreto, mas . . . é tarde. Alvaro lança mão do papel, insta para que tragão-lhe a véla que está sobre a commoda e começa a ler o conteúdo.

Entra o médico.

Alvaro quer acabar a leitura mas fallecem-lhe as forças . . . sente embaciar-se-lhe a vista . . . cahe estendido sobre a cama, chamando por Anninhas . . .

Luiz quer traduzir o estado do amigo na physionomia do medico. Este toma o pulso do enfermo, e, vendo que aquelle coração de vinte annos já vai deixando de palpitar, pede uma véla . . .

Depois . . . — Anninhas desmaia abraçada ao cadaver ainda quente . . .

Os gritos partidos d'esta habitação de lagrymas despertão a curiosidade do Dr. Feliciano, que n'este momento volta da igreja em companhia de Alice com quem acaba de casar-se.

A pobre moça reconhece a casa . . . apeia-se do carro, entra, e . . .

De leve, minha penna, muito de leve . . .

Ha scenas tão sombrias, tão negras, tão trevosas, que a mão oscilla e a penna quebra-se horrorisada ao transmittil-as ao papel! . . .

Alice ao ver o cadaver de Alvaro sentio as labaredas do inferno no imo d'alma.

Quiz fallar . . . — tinha os dentes cerrados; quiz dar um passo — cahio! . . .

Meia hora depois, quando tornou á si, quiz chorar . . . — mas já não tinha lagrimas! . . .



Então, depois de contemplar o marido de alto á baixo, olha para o céu, quer murmurar o nome de seu pai, e . . . irrompe-lhe dos labios uma gargalhada estridente.

Enlouquecera ! . . .

#### IV

Um mez depois, uma multidão de homens de casaca apinhava-se ás portas da cathedral.

Entrei na igreja em companhia de um amigo ; os padres cantavão em redor de uma cça illuminada, sobre a qual estava um caixão aberto ; approximei-me, e . . . quasi recuei : — encommendavam Alice !

Tres mezes depois o Dr. Feliciano unia-se pelos laços matrimoniaes á Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Luiza de Aguiar, milionaria viuva do estancieiro Aguiar.

O commendador Pedro de Magalhães, vive ainda, e cada vez mais gordo ; um tanto pezaroso, é verdade, porque não tem em sua familia — um doutor.

MUCIO TEINEIRA.

Julho — 1875.

## A RAINHA DA NOITE

(*CEREUS GRANDIFLORUS* L. D. C.)

Tu és uma poética flor que embalsamas o ar de suavisimo e embriagante aroma, delicada e mimosa receia. A luz que te creta e mata, preferes as trevas para exhibires os teus thesouros e dares expansão aos teus cautos amores no silencio o ermo. Esperas que o astro vivificador s'ê conda no horisonte, quando o véo crepuscular cobre a região em que habitas para preguiçosamente levantares longas petalas e patenteares o teu magesto o ninho e sorveres as doces brisas da noite. Batalhões d'estames, como e cravos obedientes, rodeando a sultana favorita, languidamente se agrupão e qual mais pressuroso almeja dar voluptuosos beijos, para derramar o fecundante pollen, sem o qual o pistillo não pôde gerar a semente e preaccher o grande mysterio da criação, a propagação da especie.

O stygma do pistillo é terminado por grande numero de braços ligeiramente curvados, que em suaves amplexos s'embalão com as anthéras e n'esse inebriante extase paixão-se horas. Uma nova phase vai succeder, o stygma depois de ter aborvido o pollen fecundante o transmittê ao ovario, e os ovulos que até esse momento erão quasi inertes adquirirão então mais consistencia e vitalidade, o embryão vai se desenvolvendo successivamente, até que o ovario adquiere o caracter proprio de fructo; o pedunculo calicinal o envolve e apreenta o aspecto de verdadeiro fructo como se vê no figo e na banana. Todos os fructos dos *Cactus* são comestiveis e de sabor agradável e mucilaginoso.

A Rainha da Noite ou Flor do Baile como lhe chamão é uma das mais interessantes especies da familias das *Cactées* não só pelo tamanho e delicadeza de suas flores como pelo suave aroma que exhalão. Os caules carnosos são cylindricos de cinco angulos obtusos ornados

de pequenos espinhos. As flores são grandes; com a divisão anterior do seu periantho amarella e a exterior branca; commêço a abrir das seis horas da tarde em diante, terminando o de abrochamento das nove ásdose da noite, fechão-se depois para não se abrirem mais; o cheiro é o de uma mistura de baunilha e benjoim.

O calice da flor ou antes o receptaculo é longo em forma de pedunculo, cylindrico cuberto de foliolos lineares e pellos compridos, em toda a sua extensão, dispersos regularmente e equidistantes; as sepalas são lineares lanceoladas na ponta, sobrepostas em duas ordens e mais. A corolla é branca e polypetala, petalas em duas ordens. Os estames são em grande numero enchendo o interior da flor, insertos circularmente no tubo calicinal e tambem na base das petalas; as anthéras são pequenas, presas por uma extremidade, os filetos que as sustentão são compridos. O pistillo tem um comprido stylete terminado por um stygma de dezoito a vinte divisões filamentosas, curtas e ligeiramente curvadas.

O ovario é infero e o fructo polyspermo.

Florece no verão.

O cereus ou cactus grandiflorus é usado na homœopathia e tambem por alguns medicos allopathas. Prepara-se com as flores uma tintura que s'emprega nas molestias de coração. A tintura homœopathica prepara-se com 1 parte de flores e 10 de alcool a 90° centigrados; a tintura allopathica pôde-se preparar mais concentrada com 1 parte de flores para 5 partes d'alcool a 80° centigrados.

Segundo um ligeiro exame a que procedi as flores de cereus contem muita albumina vegetal malato de cal e pectina.

DR. SEQUEIRA COUTINHO.

# CARTA

A HILARIO RIBEIRO

Pedes-me um juizo sobre o livro que apresentas para substituir ao *Tercceiro livro de leitura* do Dr. Abilio. E' uma questãõ de interesse nacional, de grande alcance em seus effeitos sobre a instrucção na provincia. Portanto os sentimentos da amizade emudecem diante da voz da justiça. Deixo de ser amigo para ser juiz. Embora o aresto te seja summamente favoravel, a verdade, n'um assumpto de tanta monta, é uma virtude para mim que vou estabelecê-la, como para ti que deves accital a.

Não tomaria semelhante encargo, se não conhecesse perfeitamente os dois trabalhos; o *Tercceiro livro* na pratica não interrompida do magisterio, o teu pela leitura que acabõ de fazer. Do confronto de ambos vou deduzir minha opiniãõ. Poderei por ventura errar; mas defeito de comprehensãõ, raciocinio, não intencionalmente.

N'um livro para o ensino primario, a experiencia de dez annos faz-me reclamar as seguintes condições:

Deve sempre começar por estudos faccis e attraentes, que progressiva e quasi insensivelmente se tornem mais serios; e estes estudos distribuidõs em lições ou capitulos, que em escala gradativa irãõ abrangendo assumpto mais copioso. Deve seguir o *systema* mais facil e usual na orthographia das palavras e nos accentos prosodicos.

Deve enfim ser de extensãõ mediana.

A razãõ d'isto é obvia.

O livro é para crianças, e n'ellas predomiua a sensibilidade. O mundo externo é que as affecta; o que é concreto, experimental. O que é abstracto, synthetico, symbolico é uma verdadeira tortura para

a infancia. Os phenomenos e factos do ser pensante passão-lhe no fóro intimo vaga e indecisamente. Entre ella e a metaphysica ha de permeio longos periodos, como entre a manhã e a noite. E' esta a marcha natural da existencia do homem, que em cada phase apresenta o predominio d'uma faculdade.

Por isto aplainar o terreno, destruir os óbices inacessiveis que se deslaccão sempre, nos primeiros tempos, quando ella passa dos brincos da infancia para a escola, onde vai lidar com signaes e caractéres de pura convenção, é, a meu ver, de summa importancia no ensino primario. Os livros deveráo sempre attrahir-a pelos assumptos adaptados a seu entendimento, e a leitura tornar-se-ha de suave de-lise. A imaginação que então superabunda é o melhor engodo para fazel-a trabalhar.

Porque ella se extasia ante as mimózas creações de Schmid e de Andersen ?

Porque a historia exposta no estylo florente e simples de Campe e Berquin agrada-lhe sempre ?

Porque os comprehende, porque n'aquelles contos e pequenas narrativas depara suas proprias ideias, o mundo de seus sonhos, o perfume de suas phantazias, o extraordinario, o maravilhoso.

Satisfaz o livro do Dr. A bilio a todas estas condições ?

Não, como passo a demonstral-o.

Quanto á primeira, vê-se que inverteo a ordem natural, partio do mais difficil e escabrozo para o mais facil ; collocou a montanha antes da planicie.

Começou pela historia natural, onde a extensão e aspera pronuncia das palavras e termos technicos trazem até dissabores para as mesmas pessoas que a estudão, como aquelle conde de Charney n'uma obra de X. Saintine.

Palavras taes como: *caryophiladas*, *synantereas*, *solaneas*, *coniferas*, *echinodermos*, *malacodermos*, *arachnides*, *osteopterygios*, e centenas de outras, se são para os homens de sciencia de pronunciação laborióza, constituem um incessante tormento para os órgãos ainda pouco exercitados do menino que faz esforços superiores para bem exprimir-se.

E de passagem observarei que na classificação feita ha palavras que nem são de cunho portuguez, como: batracianos em vez de batracios, ophidianos em vez de ophidios, etc. e grimpadores que é exotica e desnecessaria.

A continuação do *Terceiro livro*, excepto raros senões, é plauzivel, contem materia doutrinaria e convenientemente preparada até o ponto em que exhibe modelos classicos da lingua portugueza.

De que servem estes modelos ?

Duvido que sejam para a criança que acabou de ler o *Segundo livro* e continua e ainda continuará a fazer exercicios de leitura.

Trechos do padre Antonio Vieira, Jacintho Freire, Heitor Pinto, etc., tem eminente lugar n'um curso de litteratura, concordo; servem para abalizados escriptores e doutos que querem aprofundar seus conhecimentos da lingua vernacula, que já a sabem e a manejão com pericia; mas para o espirito pueril affeito ás formas actuaes do portuguez, ha uma immensa barreira: a phrase do passado, a crosta do quinhentismo.

Que interesse tem para o infante que brinca sobre uma montanha no centro das terras, a rocha incrustada de conchas e fragmentos osseos de peixes?

O mesmo que um sermão do padre Antonio Vieira ou uma pagina de Heitor Pinto.

E onde sua intelligencia não lobrica motivo de attenção, vai o sabio esmerilhar os fastos do mundo e os fastos da lingua. E talvez elle proprio vá um dia deslembado do que lera nos bancos escolasticos!

Quanto á segunda, o Dr. Abilio sati faz ainda menos.

Pelo seu systema orthographico difficulta-se mais a leitura.

Porque escrever o adjectivo — *caros* com *ch*: *charos*, quando nem mesmo assiste uma razão etymologica, pois os proprios latinos escrevião indifferentemente? A criança tiubeia sempre ante as palavras: *charos*, *charidade*, *eschola*, *echo*, etc., escriptas com *ch*, pela alternativa de escolherem a pronuncia de *x* ou *k*.

Analogo raciocinio póde fazer-se relativamente a outras formas e processos que ahí se encontrão, como o uzo do *c* em: *poncto*, *punctuação*, *juncto*, e outras, onde esta letra é uma excrescencia.

Na lingua portugueza, onde não ha um dictionario de academia, como na França, Hespanha e Italia; onde cada escriptor tem hoje uma orthographia particular que muito se affasta da etymologica, eliminar o mais que fôr possivel as letras ociozas, é de importancia real, mórmente na questão do ensino. Aqui concordo com a opinião do eminente grammatico brasileiro Sotero dos Reis sobre a liberdade que temos de seguir um systema orthographico conforme as diferentes evoluções que soffre a linguagem sob a acção do tempo, a que eu ajuntarei a acção do clima, que exerce poderóza influencia nos órgãos phoneticos, e a acção da conquista que quazi sempre traz a homologação de raças diversas. O Brazil, onde se falla um dialecto do portuguez, é um exemplo vivo.

Quiz o Dr. Abilio estabelecer um systema orthographico, uniforme, fixo, fundado nas origens?

Não; porque ha palavras em seu livro, como: *gota*, *mamifero*, que então serião escriptas assim: *gota*, *mammifero*.

Foi no entretanto sua aspiração, como o demonstrão os vocabulos começados em *en*, como: *envolver*, que elle escreve com *in*, reduzindo-os á férma latina.

Porem esta tendencia tão manifesta não concorda de maneira al-



guma com as doutrinas e principios que elle proprio proclama nas introduções de seus livros. De todos os methodos é este o menos racional, e consequentemente o mais complicado para intelligencias bizoanhas e incultas, para o tirocinio da infancia.

As fórmulas etymologicas tenho para mim que são pezadas cadeias que entibião o rapido desenvolvimento do espirito em seus primeiros esforços para illustrar-se.

Os proprios romanos reconhecião esta verdade, e Augusto, o protector das artes e sciencias, o contemporaneo de Virgilio, Horacio, Cicerone, Tito-Livio, Tacito, Plinio, homem de apurado gosto e fino tacto que conseguiu gravar seu nome no frontispicio d'uma das poucas epochas litterarias do mundo, assim o pensava.

Diz o Dr. Abilio no prologo do *Terceiro livro*, tratando dos accentos :

« N'este ponto muita razão acho nos inglezes, os quaes de sua linguagem eliminarão todos os accentos. »

Semelhante asserção é prova da ignorancia da indole tão differente das duas linguas.

O inglez formado principalmente de elementos latinos e gothicos, na pronuncia não herdou as feições caracteristicas de seus progenitores. Como accentuar-se-ião as palavras *goal*, *line* e *linen*, que se pronunciação *dgele*, *laine*, *línine*?

Se o accento não serve para a quantidade prosodica ou valor tonico, não sei qual a sua utilidade.

O inglez não tem regras fixas para a pronuncia de suas vogaes e diphthongos. Possui vocabulos que escriptos tem menor numero de syllabas-do que, quando pronunciados, e vice versa.

Para accentual-os, tornar-se-ia imprescindivel crear um novo systema de signaes, como fazem os dictionarios relativamente a sua pronunciação.

O que no inglez é natural, em nossa lingua seria defeituozo, contrafeito, confuzo.

Porque o Dr. Abilio ha de escrever a conjunção *mas* e o qualificativo *más*, da mesma maneira? Acazo é identica a vibração da voz no *a* de *mas* e no *á* de *más*? O som não é fechado em uma e aberto em outra? Sem o descrimen não temos a dezordem?

Que differença estabelecer-se-ia entre as trez palavras : *sabia*, adjectivo, *sabía*, verbo, e *sabiá*, substantivo, sem o accento? Entre : *para*, prepozição, *pára*, verbo, e *Pará*, substantivo? Entre *se*, *sé*, *sé*?

Porque não omittiria tambem o *til* que é o signal graphico de nasalidade?

O homem de espirito culto desprezará o accento; mas pôde fazel-o do mesmo modo a crianca que tacteia em trevas?

Não é uma lucta diaria, continua para acertar com as inflexões proprias a cada palavra que articula?

E no entretanto com os dois accentos circumflexo e agudo, e uma pequena explicação fica ella senhora de todos os segredos da pronuncia.

A meu ver n'um livro escripto exclusivamente para a infancia, devia-se ter em vista o seguinte: As palavras graves que formão o grosso dos glossarios da lingua, virião sem accento, excepto n'um ou n'outro cazo para evitar equívocos, como em: acerto, substantivo, acérto, verbo; as agudas e exdruxulas, que constituem, mórmente a ultima classe, diminuto cabedal, o trarião sempre. Tambem não posso concordar com a substituição do diptongo *ão*, posto que breve, por *am*. Sei que egregios talentos escrevem assim para discriminar as dezinencias dos verbos, que ora são longas, ora graves, conforme os tempos.

Se a reforma não incorresse em erro, seria utilíssima; porem, não sendo identicos os sons de *ão* e *am*, foge-se de Charybde e cahe-se em Scylla. Quem dirá *coraçam* em vez de *coração*, *sótam* em vez de *sótão*, *man* em vez de *mão*?

Quanto á terceira condição, acho o *Terceiro livro* extenso de mais. Contem 432 paginas.

A longura é tambem uma cauza do tédio e cansaço para a criança, por mais bello que seja o trabalho. A variedade é um deleite, não só para ella como para o homem. «A variedade deleita», dizia a antiguidade pela voz de um dos seus mais estimados poetas, e esta verdade será sempre nova, porque decorre da propria natureza humana. Eu, se tivesse de escrever para a infancia, em vez de trez ou quatro volumes que fossem necessarios, escreveria oito ou doze. E' um grande dia para o menino aquelle em que passa para outro livro. E muitas vezes, não sendo possível, em vista de seu adiantamento vagaroso, a passagem que elle pede e pela qual insiste, tenho-o visto de gostar-se do estudo e de bom que era, tornar-se máo estudante.

O Dr. Abilio no *Primeiro livro* e no *Segundo* poz em pratica os principios que pregara, exceptuando apenas o que é concernente aos processos orthographicos e prozódicos.

No *Terceiro* ficou muito a quem do que esperava-se.

Puz em relevo os defeitos de methodo e de fórma da obra.

Vou apresentar defeitos de ordem moral.

Sob este ponto de vista o que vê-se no *Terceiro livro*?

A vaidade apregoando-se por seu proprio punho. A intervallos surge um elogio ao Dr. Abilio, o primeiro homem do Brazil em materia de instrucção, o *nec plus ultra* do magisterio na opinião dos seus apaignados. Elle proprio não se esquece de atirar á tela da publicidade o obolo com que contribuiu para a estatua de José Bonifacio!

Grande preceptor que préga tantas doutrinas differentes dos exemplos manifestos em um trabalho para o ensino da mocidade!

E' a vaidade principio de educação? Ou antes é um veneno que mina

e destroe? Se o instituidor é a sua consubstanciação, como póde derivar-se d'ahi resultado proficuo para os educañdos?

Ponho as interrogações. Os interessados que profundem o assumpto. Sobre religião não é somenos a censura.

No referido livro ha uma lição dada no collegio do Dr. Abilio. Ou é um chamariz ou a expressão real do fanatismo. De qualquer modo as intenções são pouco louvaveis e não são verdades fundamentaes de pedagogia.

Faço distincção entre ser religioso e tartufo.

A religião eleva o homem, a beatice degrada-o, acabando geralmente na mais repulsiva hypocrisia.

Tambem é propicio o momento para por-se a seguinte questão, que não lembrou ao autor do *Terceiro livro*, occupado antes com a especulação de seu negocio, do que com as condições especiaes do paiz:

Na America o ensino religioso deve ser da competencia da escola ou da familia?

Vem annualmente ao Novo-Mundo milhões de emigrantes de crenças diversas, e cada um continua a seguir-as pelo consenso unanime de todas as constituições que o regem. Os filhos descendentes dos colonos, cidadãos do paiz em que nascem, pertencem á communhão de seus antepassados.

O estabelecimento de instrucção que tiver alumnos de varias seitas, deve impor-lhes o credo catholico, sem commetter um attentado contra a liberdade de consciencia?

Deve lezar um cidadãe em seus direitos?

Sinceramente creio que não.

A familia, penso, é a unica competente. A escola apenas desenvolverá a doutrina moral que serve de base a todas as religiões.

A não ser assim, no Brazil erguer-se-ha com a intolerancia no ensino mais uma barreira á homologação das raças.

Confrontando pois o *Terceiro livro* com o teu, o material que reuniste, alem de mais variado, selecto, util e agradavel, é sobremodo patriotico.

Instituidor brasileiro, comprehendeste que escrevias para teus pequenos compatriotas. O Brazil n'elle occupa um lugar mais distincto, na parte geographica e historica, nas monographias, nos seus homens.

Se na publicação satisfizeres as condições que acima expuz, tere-mos o melhor livro de leitura para as nossas aulas.

E' esta a minha opinião.

Porto Alegre 4 de Setembro de 1874.

IRIÊMA.

*Postscripto.* — Publico este juizo, meu amigo, mais para pôr em

resalto o modo pouco cortez por que tratão a instrucção da provincia, do que pela gloria que eu possa esperar d'ahi.

Elle nada vale.

Lá vai um anno, e ainda teu pobre livro corre aventuras em companhia da apreciação rubricada por mim, esperando uma decisão. . . . talvez no valle de Josaphat!

Miseranda instrucção!

E ainda dizes, aconselhando-me, que eu escreva alguma obra para as aulas primarias!

Se eu quizesse morrer mais rapidamente, annuiria.

Quando lembro-me que o nosso amigo Antonio Carlos Bandeira, querendo um lugar na escola normal, não o obteve, elle, que por seus talentos e illustração na côrte offerecerão uma cadeira na academia, desanimo devéras! E faço o que devias ter feito, retraio-me, encolho-me o mais que é possível. . . . Onde não ha patriotismo, semeia-se o trigo e nasce o joio.

1 de Setembro de 1875.

IRIEMA.

*Abraes de Pariaou*

## A ESTRELLA D'ALVA

---

### I

Por entre os vidros da janella antiga  
*Ella* scismava enlanguecida e bella...  
Além... na rua, um violão gemia  
Aos doces threnos de canção singela.  
Depois... a porta se entreabrio, e *elle*  
Beijando a moça a suspirar tremeu.  
Cerrou-se a porta ao estallar de beijos....

E a estrella d'alva despontou no céu !....

### II

Já todos dormem ; nem de leve a brisa  
Rompe o silencio que povôa a rua...  
E, reclinados á janella, beijão-se  
Os dois amantes ao clarão da lua !  
Ai ! — o lampyrio prelibando a rosa  
Todo o perfume virginal sorveu...  
Mais uma flôr — que sem orvalho pen de...

E a estrella d'alva a scintillar no céu !....

III

Desperta a aurora ; — os passarinhos trinão  
Esvoaçando no vergel sombrio ;  
Tremem as auras osculando as flôres,  
E as ondas correm a brincar no rio.  
E Julieta á frouxa luz da alampada  
Dorme nos braços do feliz Romeu....  
As horas vôão.... os amantes dormem....

E a estrella d'alva a desmaiar no céu !...

1875.

MUCIO TEIXEIRA.

---

ELLA

Quando tu tranças, querida  
A tua perna divina,  
Para calçar a botina,  
Onde se engasta o pésinho;  
E mal descobres vaidosa,  
Por entre as dobras da renda  
Mais alva que o branco arminho,  
A outra perninha mimosa,  
Que enlevo, que graça ostentas !  
Que mundo eu crio na mente !  
Que philtro minha alma sente !...

Esconde-a ! Não quero vel-a !...  
Fecha esse mundo de encanto,  
Aos meus olhares profanos,  
Fecha-o !... Eu deito quebranto,  
Se não atares na perna,  
Como ao pescoço de um anjo,  
Em cima do tope da liga  
Ao menos uma só figa.

MANFREDO